

1084

— EXPOSIÇÃO DE TERESA MILHEIRO —

curadoria de Manuel Costa Cabral e Natxo Checa

20 de Maio a 20 de Julho 2024
Galeria Zé dos Bois

no muro uma brecha

Se ignorarmos a diferença ontológica, o imenso nada entre a coisa no seu ser e o ser da coisa, entre algo que é e algo que se dá, deixaremos escapar não só o carácter mais fundamental de arte na obra de Teresa Milheiro como a possibilidade da nossa própria fundação enquanto seres-humanos no existir em que estamos imersos.

Esta proposição íntima, portanto, um preâmbulo, notando que, em Teresa Milheiro, a coisa que é, no seu modo feroz e contundente de estar presente, opera já um desfasamento entre o visível e o seu sentido por decifrar, configura já o imediato e a ausência de um quase-visível que sobressai. Somos situados na esfera de um certo grau da arte, do gesto apontador para o isto-é, do símbolo que codifica por dissemelhança, porém testemunha por re-conhecimento, uma inteligibilidade que se antecipa, em que o ausente que está-na-obra é a reificação do corpo enquanto instância bio-política, o atropelo da dignidade humana e um existir oprimido em actos, ideias e palavras modelados por governabilidades que se confirmam enquanto possibilidade de medo, castigo, obediência e alienação. No que diz respeito à arte, somos, assim, num primeiro momento, retidos pela regulação tautológica das relações entre os seres fictícios da representação e os sentimentos e sentidos de que são duplos, entre os tropos expressivos da linguagem e o que sentimos, imaginamos e entendemos sobre o que vemos. Somos, sobretudo, cerceados num simples existir determinado pelas faculdades adquiridas do sujeito que, por transcender o objecto, é isolado da vida significativa, do instalar-se na significação, do estar-aí enquanto um existir em movimento.

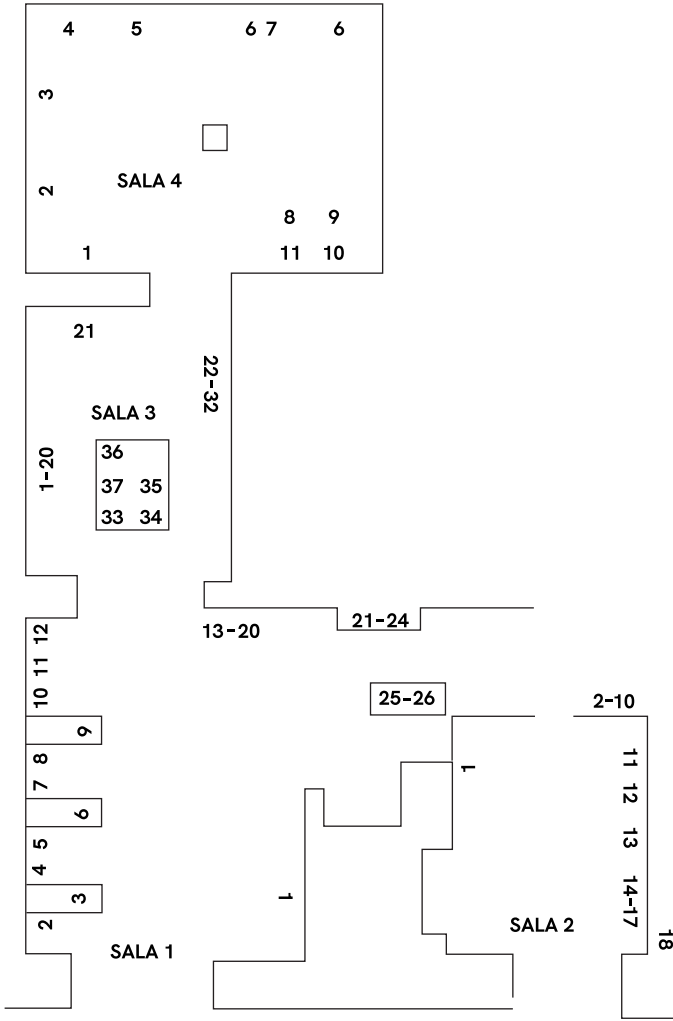
No entanto, a conspiração mais subterrânea e furtiva que conduz o refinado saber-fazer destas jóias-esculturas lança-nos além da história que cifra, além da verdade que grava, além da delicadeza e graciosidade com que finge controlar e violar, pois este assomar está em combate com o que nele se retrai e se escusa, com a marca secreta da coisa por des-cobrir que é a identidade nua da sua alteridade imediata, da união directa da coisa à sua proveniência e à sua destinação. E quando, perante a coisa em que há excesso de significação, aceitamos que o excesso é a sombra deste insondável, é o enigma deste desconhecido, o que resta da representação é o ser da arte enquanto doação, é a verdade enquanto combate originário. É a superação da repetição do existir e a repetição do acontecimento do existir, é um estar-em-obra em que o ser da coisa se abre no reservar em que está presente, se dá enquanto o des-ocultar que acontece no aguardar e receber o que, além do que a coisa é, além dos sintomas e dos símbolos, além jogos de espelhos e dos véus de fumos, além das operações da imitação e das insinuações de discurso, nos é mais íntimo e radical.

Pois, no fundo, o que vem transformar a obra de Teresa Milheiro sem qualquer metamorfismo é a tensão inscrita na linguagem quando deslocada do símbolo que traduz para a metáfora que ilude, o que vem perturbar a eloquência da representação é a poética da voz que se emudece, e o que nos vem tocar e afectar é a solidariedade, tão inefável quão flagrante, entre um saber-fazer e uma vida em acto, é o vínculo, tão subtil quão vigoroso, entre as formas da arte e uma necessidade interior que se vela. Se 1984, no seu ser, nos indica o início da carreira da artista ou nos manifesta a latência dos seus interesses e preocupações – isto é, se nos aponta o protesto e a denúncia do absurdo e do brutal, em particular, em diálogo com a distopia orwelliana, que assumimos poder estender à multiplicidade de configurações da ideia pós-estrutural de dispositivo, cuja genealogia recua ao surgimento do ser-humano-que-sabe e opera nas esferas normativas da imagem, da saúde, da educação, do lazer, do trabalho, do privado, do público, do religioso, do jurídico –, o seu ser é, sobretudo, o que ainda-não-é, é o estar-aí de uma imediata ausência que se revela no pensar o saber pensando-o.

Neste sentido, 1984 é a superação do desalento, é a bravura no quotidiano que nega só suportar a hipocrisia da integração que pulveriza e separa, é a despolitização enquanto gesto político fundamental da excepção que recusa tanto a sentença da margem quanto a absorção do centro. É a incompletude da carne furada e rasgada, irreconciliada com a interiorização da limitação, irresignada com a docilidade do sobreviver, inconformada com a mímica do resistir. É o potencial emancipador no vir-a-ser do ser que proclama a inocência dos maiores crimes, que reclama a autonomia do poder pensar, dizer, escolher, decidir sem trair ou ser traído por si e pelo outro, que quer poder-ser no fundar instituidor da subjectividade em acordo ou discórdia sem a emboscada da dessubjectivação padronizadora, que quer viver em florir.

Se a encarnarmos e lhe co-respondermos enquanto nossa, porque tudo em Teresa Milheiro é fenómeno químico e físico que, mais do que fazer sangrar, faz pulsar, porque tudo em Teresa Milheiro será a nossa pele e carne e osso, não nos furtamos ao grande paradoxo do fim da história declarado que tarda em consumir-se. Será a contradição primordial, o efeito do pensar que abre mundo e cria humanidade e, simultaneamente, produz as instituições, conhecimentos, tecnologias, práticas, linguagens que privam a autonomia da individualidade no colectivo. Sim, é quimérica uma existência sem pensamentos; nesta contemporaneidade intemporal, será a chave do tesouro, quem sabe?, o instalarmo-nos permanentemente no acontecimento do pensar enquanto existencial operador do nosso contínuo princípio e porvir.

Ricardo Escarduça



SALA 1

1. *One way system I*, 2021

Trela

Seringa de vidro, aço, latão, latão cromado e acrílico espelhado

2. *The aunt's cow wears braces*, 2004

Colar

Prata, dentes e aparelhos

3. *Transmutations*, 2017

Colar

Ossos com eletroformação, cobre, couro, prase quartzo e ametista

4. *the eyes are useless when the mind is blind*, 2024 (da série *Alienation*)

Colar

Vidro soprado e prata oxidada

5. *S/ título*, 2023

Pendente

Vidro fundido

6. *Traffic*, 2024

Objecto

Vidro soprado

7. *Be botox, be fuckin' beautiful*, 2005

Colar

Prata, seringa de vidro reciclado e metal cromado

8. *Spy On I*, 2021

Colar

Lentes de vidro para faróis, latão, latão lacado, alumínio e borracha

9. *Desperately looking for a wrinkle*, 2006

Colar

Cobre oxidado, tubo metálico articulado, lupa, espelhos de mota, seringa e chumbo. Coleção ar.co.

10. *Replican II*, 2020

Colar

Plexiglass fluorescente, latão, ímãs

11. *S/ título*, 2023 (da série *Pressure*)

Alfinete

Zinco, aço e vidro

12. *Traffic*, 2024

Colar

Vidro soprado e fio de poliéster, aço e vidro

13. — 20. Série *Obsessive controlling tools*, 2021

Anéis

Lente de microscópio, prata; plástico, metal acaqueado e alumínio; ouro

21. — 24. (vitrine) Série *Pressure*, 2023

Coleira / Torniquete

Suporte, zinco e vidro

25. *Anti-bite fingerstall*, 1989

(Série *Torture Objects*)

Dedeira

Latão cromado

26. *Blade Fist*, 1990/91

Pulseira

Cobre, cobre oxidado e aço

SALA 2

1. *Genius Lab*, 2019

Colares

Acrílico fluorescente, acrílico, papel, prata, alumínio e fio de poliéster

2. — 10. (vitrine)

2. *S/ título*, 2019 (da Série *Transhumanism*)

Alfinete

Crânio tingido, cobre e lente móvel

3. *Anti-existence device 2*, 2009
Colar
Prata e embalagem de reciclagem
4. *S/ título*, 2024 (da Série *Pressure*)
Alfinete
Aço e acrílico
5. *S/ título*, 2010 (da Série *Big Sucker*)
Objecto
Resina, pigmento, silicone e prata dourada
6. *Animaloide*, 1994
Objecto / Marioneta
Cobre com nitrato de cobre e latão
7. *Mutations 6*, 2017
Colar
Osso, vidro e prata oxidada
8. *Selfdefense Bracelet*, 1988
Pulseira
Alumínio anodizado
9. *Escamarão Articulado*, 1994
Pulseira
Cobre forjado com nitrato de cobre, latão e resina
Coleção Privada
10. *S/ título*, 2019
(da Série *Transhumanism*)
Colar
Osso tingido e cobre
11. *S/ título*, 2017 (da Série *Transmutations*)
Colar
Crânio com eletrodeposição, cobre, ferro e poliéster
12. *Self defense bracelet*, 1988
Pulseira
Cobre com patine
13. *S/ título*, 2021 (da Série *Obsessive Controlling Tools*)
Torque
Lentes de microscópio, borracha, braço de aço articulado latão lacado
14. — 17. *S/ título*, 2021 (da Série *Obsessive Controlling Tools*)
Instalação
Latão lacado, lente, alumínio e nylon, olho mágico, injector de ar em borracha, metal cromado e monóculo reutilizado
18. *S/ título*, 2024
Objecto
Vidro Soprado
- SALA 3**
1. — 20. *Triunfo dos Porcos*, 2015/2024
Brincos
Prata
21. *Colete de Tortura*, 1990/91
Colete / Vest
Cobre forjado, cobre oxidado e folha de prata
22. — 32. *S/ título*, 2024
Objecto / Peça de parede
Vidro fundido
33. *Fura olhos*, 1990
Objecto
Latão cromado e auscultadores reciclados
Miguel Mesquita Guimarães
34. *S/ título*, 2019
Colar
Ferro
35. *Série The power of fragility*, 2019
Caixa cirúrgica / contentor de ferramentas
Latão cromado, alumínio, aço, veludo e madeira

36. *Éter*, 2023

Peça de parede

Vidro soprado e ferro

37. *Série Pressure*, 2023

Colar

Aço e vidro

SALA 4

1. *Série The power of fragility*, 2019

Peças de parede

Gravura em zinco, madeira e espelhos

2.— 3. *Power of fragility*, 2019

Objecto / Instalação

Vidro, latão cromado e aço

4. *Power of fragility*, 2019

Objecto / Instalação

Vidro, latão cromado e aço

5. *Power of fragility*, 2019

Colar

Utensílios obstétricos em latão cromado,
ametista, alumínio e nylon

6. (parte integrante da caixa 6)

7. *S/ título*, 2019 (da *Série The power of fragility*)

Objecto

Latão cromado, plástico

6. *Série The power of fragility*, 2019

Contentor de ferramentas

Latão cromado, vidro, aço, veludo e madeira

8. *Série Pressure*, 2023

Pulseira

Vidro fundido

9. — 11. *Série Pressure*, 2023

Pulseira

Slumping glass

1984

— exposição de Teresa Milheiro

CURADORIA

Manuel Costa Cabral e Natxo Checa

PRODUÇÃO

ZDB

A exposição integra a II edição da Bienal Internacional de Joalheria Contemporânea de Lisboa e teve o apoio da PIN — Associação Portuguesa de Joalheria Contemporânea por ocasião da celebração dos 50 anos do 25 de abril de 1974.

MONTAGEM

Aleksander Smirnov

Nuno Orvalho

Vitaliy Tkachuk

DESIGN GRÁFICO

Sílvia Prudêncio

COMUNICAÇÃO

Catarina Rebelo

20 de Maio a 20 de Julho 2024

Horário:

21—26 de Maio: 12h – 22h

27 de Maio a 20 de Julho: Segunda a Sábado 18h – 22h

Galeria Zé dos Bois

Rua da Barroca 59, 1200-047

zedosbois.org

2ª Bienal Joalheria
Contemporânea
Lisboa 